

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 16

DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1994

IN MEMORIAM

PROFESSOR JOSÉ SEBASTIÃO DA SILVA DIAS

Tendo ocorrido em 1994, ano a que se refere este número da Revista de História das Ideias, a morte do seu Fundador, Professor José Sebastião da Silva Dias, os membros da Redacção não poderiam deixar de saudosamente o recordar. Assim, insere-se aqui a nota que o seu actual director escreveu para a revista Biblos, da Faculdade de Letras de Coimbra. Embora sendo um texto pessoal ele foi escrito a pensar no sentimento de todos os colegas que tiveram a felicidade de serem seus alunos e colaboradores.

Silva Dias morreu... Morreu no passado dia 23 de Novembro de 1994, ainda no mesmo ano em que se celebraram, discretamente aliás, os vinte anos do "25 de Abril". Na aparência uma simples coincidência, que por casualidade captei. Mas a detecção das coincidências fazem às vezes parte da arte da escrita, até da escrita da História ou, pelo menos, da escrita da Memória, dado que esta não se limita a "conservar as informações". Como dizia Le Goff, graças às funções psíquicas da Memória "o homem pode actualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas".

Quando morre um professor é costume registar nas revistas universitárias um *In Memoriam*, que tantas vezes tem a mera forma de uma homenagem de circunstância. Como discípulo de Silva Dias, e reflectindo talvez o sentir dos seus discípulos, não gostaria de ritualizar este acto da escrita. Preferia antes recordá-lo e homenageá-lo interrogando-me sobre a questão complexa e actual do que é SER PROFESSOR e o que foi SER PROFESSOR para Silva Dias.

SER PROFESSOR implica antes de mais — trata-se apenas de uma aparente inversão — o acto de aprender, de investigar, de procurar incessantemente o Conhecimento. E quando digo o Conhecimento não digo — como é costume afirmar-se — a Verdade (o que é a Verdade?). Conhecer é um acto de humildade, procurar a Verdade já é, em si, um acto de Poder ou de procura de Poder, mesmo que seja apenas o que Bourdieu chamaria um "Poder científico".

Nesse sentido, Silva Dias foi um dos melhores professores que tive. A sua actividade até ao fim da sua vida foi a de procurar incessantemente conhecer... mesmo quando nos derradeiros momentos o conhecimento já não seria para ele uma forma lúcida de entendimento. A sua obra de "conhecimento escrito" (diz-se normalmente a sua "obra científica") aí está para o provar. Todos a registam e já não precisa de elogios supérfluos: *Portugal e a cultura europeia* (1952), *Correntes do sentimento religioso em Portugal* (1960), *A política cultural da época de D. João III* (1969), *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI* (1973), *Os primórdios da Maçonaria em Portugal*, com a colaboração de Graça Silva Dias (1980), os estudos sobre o *Pombalismo* (1982-1983)... E tantos artigos, tantos documentos publicados ... E o que estará ainda vivo na suas gavetas... E duas revistas que fundou: *Revista de História das Ideias* e *Cultura, História e Filosofia*.

Mas, para além desta notável obra, que constitui o "conhecimento escrito", há que considerar o seu "conhecimento oral", aquele que transmitiu aos seus discípulos e que levou à criação, tantas vezes, de novos "conhecimentos escritos". Esta constitui outra área da essência de SER PROFESSOR — o acto de ensinar.

Silva Dias, como muitos mestres da sua geração, não conseguiu, pelo menos aparentemente e durante algum tempo, ultrapassar o que ele mesmo chamava a "aula magistral". Mas era completamente diferente a sua forma de comunicar nos seminários e o seu modo de orientar dissertações. Com ele aprendemos muitas coisas novas e em particular aprendemos a pensá-las — foi, por exemplo, um dos iniciadores da investigação universitária sobre a Época Contemporânea, quando o século XIX (já não falarei do século XX) era considerado tabu, algo que se devia pelo menos silenciar. Mas também nos ensinou a metodologia da investigação e da orientação da pesquisa, esta que ele praticava de uma forma "doméstica" ou "familiar", a qual faz do professor um agente de serviço quase "24 horas por dia", as tais horas que nunca farão parte das estatísticas oficiais das Universidades e do Ministério.

Com ele aprendi, na prática, a razão das palavras poéticas e do mais puro idealismo de Sebastião da Gama, lidas quando o fogo de aprender-ensinar me levou à leitura do seu inesquecível *Diário*. Como foi possível que isso acontecesse com um homem austero como era Silva Dias, ao invés do feitio naturalmente doce do poeta-professor da Arrábida? São as contradições da vida e da História. Nós, historiadores, estamos habituados a pensar que nem sempre o simples é o real, porque a realidade é sempre complexa.

SER PROFESSOR é também saber "administrar". Não disse "burocratizar". É a aventura de criar novas instituições ou o quotidiano de as conservar vivas e sempre estimulantes. Silva Dias criou ou ajudou a criar centros de investigação do INIC, e fundou o primeiro Instituto de História e Teoria das Ideias do país, em Coimbra, que depois se estendeu a Lisboa, através do nascimento de um centro semelhante. Nem sempre foi fácil a vida destas instituições, mas a sua dinâmica é a prova que o essencial está em algo que é difícil por vezes suportar e que o acidental, mesmo o acidental dramático, se esfuma no esquecimento.

SER PROFESSOR é ainda ser Cidadão. É ser cidadão sem ambiguidades — tão próprias dos tempos que correm, em que "consenso" parece ser palavra de ordem —, o cidadão que se arrisca, que pratica actos afirmativos, embora discutíveis, com todas as contradições, como é próprio do Homem. E essas contradições, aparentes ou reais, estiveram bem presentes em Silva Dias. A começar pelo seu percurso político. Vindo da área do catolicismo social, mas ainda tradicional, que criou pontes com o Salazarismo, ou (melhor) que este soube habilmente aproveitar, foi alterando, sobretudo ao longo da década de 70, o rumo das suas aspirações políticas, ou, se quisermos, para sermos mais exactos, das suas aspirações político-científicas e político-culturais. Silva Dias entendeu que não era possível criar uma autêntica obra científica e cultural se não houvesse Liberdade. Daí o simbolismo da sua gravata vermelha, que sempre vivia com ele, depois de em tempos passados ter usado porventura uma gravata azul. A sua morte nos vinte anos do "25 de Abril" não deixa, desta forma, de ter um certo significado.

Como cidadão-universitário, também não deixaram de se fazer sentir as suas contradições, pois era capaz de manifestar sentimentos de frieza e de emoção, de conflito e de conciliação, de severidade e de compreensão. Por isso, teve polémicas acesas nas instituições por onde passou, devido ao seu temperamento nervoso e criativo, mas também

devido à defesa intransigente de princípios e dos direitos dos seus discípulos, numa concepção de criar "Escola", uma "Escola" de pessoas diferentes (porque a qualidade está na diferença) e que trabalhassem em prol da comunidade universitária, que ele, indiscutivelmente, tanto amava.

Como sintetizava o meu colega e amigo sincero de Silva Dias, António Pedro Vicente, da Universidade Nova de Lisboa, um dia depois do seu funeral : "Morreu um homem digno". Um "homem digno" que se entregou — talvez mais apaixonadamente do que devia — à Universidade. Talvez mais do que devia, porque a Vida é a mais importante das realidades, mesmo que SER PROFESSOR faça intimamente parte dela.

É esta a memória que julgo dever guardar de Silva Dias. Vem a propósito lembrar uma vez mais as palavras de Jacques le Goff, quando num texto reflectiu sobre a Memória e a História: "A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória colectiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens".

Não quis ritualmente "servir" o passado com uma memória académica e encomiástica de Silva Dias. Teria cumprido um mau serviço. Tentei sim contribuir, por certo sem alcançar esse objectivo, para o enriquecimento da sua imagem, individual e colectiva, tendo em conta o presente e o futuro, com uma memória "libertadora", se não mesmo uma memória que tem subentendido um exemplo de oposição ao conformismo a que nos conduz a crise de ideais, que parece caracterizar o nosso tempo.

Como talvez dissesse Silva Dias e como o dizemos a cada passo: é preciso (sempre) reinventar a Utopia...

Coimbra, 1 de Dezembro de 1994

Luís Reis Torgal